

## 9) "A terra produziu o seu fruto"

Vimos no capítulo anterior: a prostração até a terra expressa humildade. Praticamente todas as passagens da Regra onde aparece a palavra "*terra*", são passagens em que São Bento pede para abaixar humildemente os olhos, ou passos, onde pede de prostrar-se para retornar a ser humilde depois de um erro ou um pecado de orgulho.

Precisamos, portanto, tocar a terra, encontrar, sempre de novo, o contato com a terra, através dos olhos, da cabeça ou do corpo inteiro, para reencontrar o verdadeiro sentido daquilo que somos, a terra da qual somos empastelados, e isto para demolir as construções fictícias de nosso orgulho, que falsificam nossa relação com nós mesmos, com os outros, com Deus. Isto nos faz reencontrar nossa verdade original, que é uma verdade fecunda, fecundada pelo Sopro de Deus.

Quantas vezes sentimos que nos falta o Espírito de Deus, mas nós pretendemos encontrá-lo somente espiritualmente, somente, por assim dizer, subindo até o Céu para procurá-lo, como agarrar, em vôo, a Pomba... E negligenciamos começar pela terra, por aquilo que está ao nosso alcance, por aquilo do que somos empastelados. O Espírito pode fecundar-nos se encontra, em nós, a terra, uma terra disponível à obra de Deus, que quer nos plasmar à sua imagem.

Creio que se poderia ler toda a Regra à luz desta verdade. São Bento nos quer pneumatóforos, habitados pelo Espírito Santo, com o coração dilatado pela caridade. Ele nos pede diversas práticas "espirituais", como o Ofício Divino, a *lectio*, o silêncio, mas não é tanto através da espiritualidade que trabalha a esta finalidade. Prefere preparar, em nós, a terra fértil; começa com a humildade, e recomeça sempre com a humildade, com a terra. E humildade, para ele, não é apenas uma virtude interior. Esta é uma terra que compreende toda a vida no mosteiro, tudo aquilo que se faz e vive no mosteiro, na comunidade, no trabalho. Somente se, se prepara esta terra, o Espírito pode fecundar-nos e dar frutos em nós. No Ofício, segundo a Regra de São Bento, se canta em cada manhã em Laudes, o Salmo 66 que diz: "A terra produziu o seu fruto; nos abençoe Deus, o nosso Deus!" (Sl 66,7).

Pensemos, porém, em especial à Maria. Ela é, antes de tudo, a terra fértil que deu o seu Fruto, por obra do Espírito. São Bento, sem nunca nominá-la, quer educar-nos a deixar-nos gerar através Dela à humildade da terra que Deus abençoa.

É justamente a este nível, que devemos entender também a importância do trabalho manual na vida monástica beneditina. O trabalho para Bento é um retorno à terra, é como prostrar-se até a terra, para reencontrar a humildade que Deus pode fecundar com seu Sopro de vida. "Porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como também os nossos Pais e os Apóstolos" (48,8). Aqui, São Bento fala do trabalho agrícola, o trabalho da terra. O diz bem ciente de que este tipo de trabalho não será sempre e para todos o trabalho habitual, mas o diz, para que os monges mantenham a consciência de que é neste espírito que devem trabalhar, também nos serviços que não tocam a terra, também nos trabalhos intelectuais ou ao computador.

De fato, o trabalho da terra é o trabalho de Adão, já no Jardim do Éden, é o trabalho que nos humaniza, que nos faz tocar melhor aquilo que somos.

Esta afirmação, bastante absoluta, São Bento, como dizia, expressa a propósito dos trabalhos que não devem ser habituais para os monges de suas abadias: o trabalho da colheita. Por outro lado, faz parte da natureza das coisas, que não se recolha durante todo o ano, mas parece que Bento quisesse que, a partir desta experiência que era apenas excepcional, seus monges extraíssem uma atitude para ter em todos os trabalhos, e também em suas relações com toda a realidade. Como os gestos de prostração, que educam a humildade, não se podem fazer o dia todo, porém se deveria ser humildes continuamente, assim é necessário deixar-nos educar a um tipo de relação constante com a realidade por um trabalho manual excepcional e cansativo como as colheitas no verão e no outono.

Mas lemos a frase no capítulo 48 que antecede aquela citada acima "Porque então são verdadeiros monges...". Bento escreve: "Se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso" (v. 7).

Esta frase nos diz muito sobre o relação com a realidade, com a qual, a Regra quer educar-nos. Em primeiro lugar, esta nos lembra que a realidade é a realidade, e que fugir desta é uma ilusão, uma fuga da realidade, uma negação da realidade, o que só pode nos levar a um beco sem saída, ou até mesmo ao niilismo. Todos nós corremos o risco de querer viver a nossa vocação, a partir somente daquilo que pensamos, daquilo que imaginamos, dos nossos sentimentos, dos nossos gostos. Neste caso, a realidade diante de nós pode ser apenas um obstáculo, uma série de inconvenientes que se deve, continuamente, procurar evitar, fugir, censurar. Nós temos o nosso projeto, o nosso projeto ideal, e a este projeto não pode corresponder, se não uma realidade ideal que não se oponha; mas eis que a realidade nos incomoda, muitas vezes desde quando nos levantamos de manhã. A realidade é terrivelmente objetiva. E São Bento descreve aqui tal objetividade com dois termos: "*loci necessitas* – a necessidade do lugar" e "*paupertas* – pobreza". A necessidade do lugar são as circunstâncias assim como são hoje. O grão está maduro, não tem ninguém para colhê-lo em nosso lugar, e precisamos colocá-lo no celeiro, se quisermos ter o pão para o ano inteiro.

Relacionada a esta necessidade, existe a pobreza, que, antes de ser uma situação econômica, é o nosso verdadeiro estado diante do real, diante das circunstâncias. Somos pobres, somos limitados, não temos meios, as forças, a ajudas, para nos dar ao luxo de viver de acordo com nossos sonhos.